


A joia mais preciosa do Brasil

A joia mais preciosa do Brasil

Joalheria na Comarca do Rio das Velhas
1735-1815

Autor
Luiz Ozanan

editora |  UEMG

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Reitor: Dijon Moraes Júnior

Vice-reitor: José Eustáquio de Brito

Chefe de Gabinete: Eduardo Andrade Santa Cecília

Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finanças: Adailton Vieira Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Terezinha Abreu Gontijo

Pró-reitora de Ensino: Elizabeth Dias Munaier Lages

Pró-reitora de Extensão: Giselle Hissa Safar

EdUEMG - Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais

Rod. Papa João Paulo II, 4143 - Serra Verde, BHte - MG CEP: 31630-902

Ed. Minas - 8º andar Tel (31)3916-9080 editora@uemg.br

Daniele Alves Ribeiro

Leandro Andrade

Thales Rodrigues dos Santos (estagiário)

Conselho editorial

Dr. Dijon Moraes Junior

Dr^a. Flaviane de Magalhães Barros

Dr. Fuad Kyrillos Neto

Dr^a. Helena Lopes da Silva

Dr. José Eustáquio de Brito

Dr. José Márcio Pinto de Barros

Dr^a. Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

Expediente

Design

Laboratório de Design Gráfico / Escola de Design - UEMG

Coordenação

Mariana Misk

Orientação do projeto

Iara Mol, Mariana Misk e Simone Souza

Aluno responsável

Caio Rodrigues

Revisão

Raquel Rezende

J74A joia mais preciosa do brasil : joalheria na comarca do Rio da Velhas 1735 - 1815 / Luiz Ozanan. - Belo Horizonte : EdUEMG, 2017
124p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-62578-84-7

1. Ourivesaria colonial. 2. Ourivesaria - História. 3. Joalheria. 4. Joias. I. Ozanan, Luiz. II. Título.

CDU 671.12(091)

Sumário

11	Prefácio
17	Introdução
23	As joias e a documentação
35	A joia mais preciosa do Brasil: conceitos e historiografia
49	Avaliados pelos louvados: as joias na documentação
91	Tipologia das joias: adornos usados na Comarca do Rio das Velhas
109	Considerações finais
115	Referências

Prefácio



Em 30 de Novembro de 2013, decorreram as provas públicas para apreciação da tese doutoral de Luiz Henrique Ozanan de Oliveira, intitulada “*A Joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais – 1735-1815*”, sob orientação do Prof. Doutor Eduardo França Paiva, insigne docente do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta tese foi aprovada por um júri, que tive o gosto de integrar, em conjunto com outros docentes de diversas especializações, e o convite decorreu da relação necessariamente existente da tese em apreço com a joalheria histórica portuguesa, tema que vimos investigando há mais de 25 anos.

Tratava-se de uma das primeiras teses doutorais exclusivamente focada no estudo do uso da joalheria numa determinada região do Brasil, neste caso a Comarca do Rio das Velhas, sobretudo na localidade de Sabará, pelo que estávamos já perante um marco do ponto de vista historiográfico e artístico.

Por ocasião do pronunciamento na respectiva arguição, fizemos votos para que este estudo viesse a ter outros sucessores a nível da história da cultura material no Brasil, sobretudo interligando a História e a dimensão estética, a que estas realidades se encontram marcadamente associadas. Constatou-se que, do ponto de vista da historiografia da arte brasileira, domínios há que, em concreto, necessitam de pesquisas mais aprofundadas – mobiliário, prataria, metais não nobres, faiança, porcelanas, traje, entre outros –, tanto para o período do Brasil Colónia como para as décadas do Brasil Império, com a importação muito relevante de peças europeias.

Os fenómenos da execução e do uso de peças de joalheria alcançaram maior representatividade social que os da prataria, pela transversalidade

da sua utilização em todos os estamentos da sociedade, ao invés do que sucedia com os objectos argênteos religiosos e civis, estes associados ao requintamento das elites tradicionais ou dos grupos emergentes, através de práticas miméticas.

Em termos do universo do mundo português, o conhecimento historiográfico da joalheria encontra diversos subsídios que não vamos aqui escapelizar, mas áreas geográficas há, designadamente a Madeira e certas regiões de Portugal continental, em que as especificidades da posse e os usos locais em Setecentos e Oitocentos se encontram ainda muito longe de um esclarecimento estruturado. No Brasil, a situação merece também alguma reflexão pela ausência generalizada de estudos sistemáticos, com uma ou outra excepção para determinadas localidades do país e, mesmo aí, circunscritos a determinados períodos históricos.

Se perspectivas de investigação há que podem ser desenvolvidas separadamente ao longo da evolução histórica de ambas as realidades transatlânticas, a ligação entre Portugal e o Brasil é, no campo da joalheria, e em determinados períodos históricos, absolutamente umbilical, pelo que quanto mais inclusivos forem os estudos dos dois panoramas mais assertivos serão os resultados das pesquisas.

A questão da jornada das pedras entre o Brasil e Portugal e, novamente, o seu regresso ao Brasil, engastadas em adornos preciosos, constitui um dos temas mais fascinantes de toda esta articulação entre ambos os lados do Atlântico. A isto vem-se juntar a questão dos corais e da sua proveniência, aspectos discutidos no presente livro por Ozanan, a partir dos trabalhos de Cláudia Mol e de Eduardo França Paiva. A viagem de formas, das técnicas e dos materiais constitui, pois, um dos temas mais aliciantes em termos de historiografia da ourivesaria, sendo necessário recolher ainda mais elementos em diversas regiões do Império Português de forma a obtermos tanto uma visão geral sobre o assunto, como quanto à suas distintas especificidades.

A centúria de Setecentos oferece a excelência da combinação dos metais e da pedraria, a elegância e aparato das formas, com tradução iconográfica nos múltiplos retratos existentes em Portugal. Da primeira metade de Oitocentos datam alguns livros de desenhos de peças portuguesas – com toda a probabilidade catálogos dos ourives –, que temos vindo a divulgar nas últimas décadas, representando um contributo para uma datação mais precisa dos modelos.

Significativa é a presença de grande quantidade de gemas na família do governador da capitania de S. Paulo, D. Luís de Sousa Botelho Mourão, informações que publicámos em “As pratas e jóias dos Morgados de Mateus, ao tempo de D. José Maria de Sousa (1800)” (*Actas do III Colóquio Português de Ourivesaria*, 2012, pp. 191-228).

O trabalho dado à estampa por Luiz Ozanan, assumindo o título “*A Joia mais preciosa do Brasil: joalheria na Comarca do Rio das Velhas – 1735-1815*”, constitui uma versão da sua tese doutoral, com incidência nos capítulos mais específicos desse trabalho referenciado *supra*. Através da sua leitura, ficar-se-á a compreender melhor a posse e o uso dos adornos preciosos na Comarca de Rio das Velhas, entre proprietários livres e forros, tendo como fonte primordial os inventários *post mortem*. Com o auxílio de diversos quadros sinópticos a que o Autor recorre para a apresentação das suas pesquisas, metodologia de sistematização da informação com que nos identificamos, obtém-se um leque abrangente de leituras possíveis, desde aspectos mais gerais até às jóias e peças de ouro de determinada pessoa, potenciando, ainda, a utilização dos dados por outros investigadores.

A leitura da joalheria setecentista e das primeiras décadas de Oitocentos em Minas Gerais que efectuámos ao longo destes últimos anos, envolvendo localidades como Mariana, Vila Rica, Tijuco e Vila do Príncipe, e, mais recentemente, diversos locais da Comarca do Rio das Mortes, indicia usos recorrentes de muitas das tipologias nas várias zonas. Mariana, Vila Rica e Diamantina possuem alguns conjuntos de maior monta, observando-se a presença mais assídua de diamantes de certo valor e de gemas como topázios e crisoberilos – então designados por crisólitas –, pingos d’água (cristais), águas-marinhas ou ametistas. O ouro como material utilizado nos adornos alcança um papel determinante, enquanto a prata surge nas estruturas de cravação de muitas das jóias engastadas com as gemas acima referenciadas. Nunca esqueçamos a dimensão do ouro como reserva pecuniária de tradução quase imediata, factor a que a população conferia uma importância efectiva, sobretudo em períodos de menor disponibilidade económica. Por outro lado, a ausência de pérolas é compensada pela presença dos seus parentes mais pobres, os aljófares.

Aludamos a algumas especificidades da realidade da ourivesaria local, nomeadamente a designação *olho de mosquito*, que, entretanto, descobrimos utilizada também em avaliações de jóias nas ilhas atlânticas

dos Açores. Mas existem, ainda, os termos brincos *barriga de aranha* e anel *olho de víbora*, menos comuns, correspondendo este último a um objecto com uma ágata, como aponta o Autor.

Luiz Ozanan publica elementos importantes para a percepção do uso dos objectos nesta região. Por exemplo, o quadro XIII evidencia as tipologias de adornos identificados nos inventários, divididas entre peças propriedade de mulheres brancas e outras de forras e crioulas, ou seja, apontando critérios sociológicos. Pertencentes a estas últimas, salienta-se a presença de um número significativo de botões – tipologia muito comum em Minas Gerais –, mas, sobretudo, das contas, o que parece fazer a ponte com tradições populares chegadas até hoje em regiões de Portugal e do Brasil; já os cordões, pelas informações referenciadas, predominam entre as mulheres brancas da Comarca do Rio das Velhas.

Nos capítulos III e IV, assistimos a um desfiar de considerações, designadamente quanto a materiais e funções, a propósito das diversas jóias e outros adornos, extraídos dos inventários *post mortem* da Comarca de Rio das Velhas. Entre exemplares de metal precioso, com ou sem gemas, situam-se peças destinadas às diversas zonas corporais da mulher tradicionalmente ornamentáveis, que vão desde o toucado às orelhas, do pescoço ao colo, das mãos aos complementos do traje, neste caso as fivelas. Por entre particularidades dos espécimes preciosos relatados, como os de natureza religiosa e mágica, ficamos a conhecer alguns dos seus possuidores, entendendo a moldura humana que nos parece fundamental para uma percepção de quem detinha estes, por vezes, pequenos *tesouros*. Restam, no entanto, poucas notícias sobre como e quando se efectuava o uso dos objectos preciosos, cabendo-nos, pois, a partir de algumas fontes chegadas até à actualidade, gizar a tecitura do uso das jóias, designadamente enquanto factor de representação social, no período em consideração.

Findas todas estas considerações de contextualização geral e específica deste livro e da pertinência de o imprimir, gostaríamos de felicitar o seu Autor pela publicação desta sua obra e estimulá-lo a continuar as suas investigações nestes domínios, de forma a poder consubstanciar opiniões e a reforçar um conhecimento mais aprofundado da realidade histórica da joalheria brasileira.

Porto (Portugal), 18 de Julho de 2017

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa